

O BASQUETEBOL E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: uma proposta cartográfica

VINICIUS PEREIRA COLARES¹; BIBIANA MUNHOZ ROOS²; JOSÉ RICARDO
KREUTZ³

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – vpcolares@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – bibiana.munhoz@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – jrkreutz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge com a intenção de ampliar a reflexão acerca do processo de produção de subjetividades no contemporâneo. Não se trata aqui apenas de um exame teórico sobre o tema, mas sim de um diálogo entre autores que se debruçaram sobre a subjetivação, pensando numa possível intervenção cartográfica a partir de duas áreas de encontro: psicologia e esporte - especificamente o basquetebol. Para isso, os autores se lançam em suas próprias experiências e, a partir de problemáticas que surgem, articulam uma revisão narrativa de literatura que conversa e dá corpo a uma produção a quatro mãos, um esforço para compartilhar uma visão sobre o esporte além do debate sobre desempenho. Para falar sobre cartografia autores como DELEUZE; GUATTARI (1995) e BARROS; KASTRUP (2009) foram usados como referencial na busca por um possível percurso. Para pensar modos de subjetivação, GUATTARI; ROLNIK (2000) ampliaram o diálogo com outras obras que vão de encontro com as diferenças. Neste texto é possível encontrar o início dessa revisão de literatura e o surgimento não apenas de um problema de pesquisa, mas uma espécie de complexo de problemas que deverão servir como impulso para o desenvolvimento do trabalho e, posteriormente, de uma cartografia das linhas de vida de quem vivencia o basquete não mais como trabalho, mas como paixão. Este complexo deverá ser orientado, portanto, em pelo menos dois movimentos na prática cartográfica: o encontro do basquete com a vida - assim como a experiência de viver com o esporte; e questões ligadas à competitividade e alta performance.

2. METODOLOGIA

Esta escrita vem se compondo como experimentação primeira de um encontro entre o esporte e a vida, um encontro entre e com atletas, com ideias, paixões, teorias e corpos em movimento. De início teve-se uma única afirmação: não se sabe qual será o ponto de chegada. O objetivo aqui não é de constatar ou mesmo vencer alguma teoria, mas de permitir-se habitar o entre, procurando uma visão singular e a ampliação do debate sobre essas duas áreas: esporte e psicologia.

A partir do diálogo com autores de diferentes áreas, a intenção é trazer uma nova experimentação sobre o esporte e o seu redor, deixando de lado uma visão comum sobre o desempenho e pensando na experiência de quem vive com - e não do - esporte. Para ampliar essa conversação, os autores deste trabalho avançaram em uma questão ampla e a partir dela, procuraram perceber um possível trajeto. A pergunta: o que nasce do encontro entre o basquete e uma vida? A potência dessa questão-base traz a possibilidade de olhar para essa prática, que é sobretudo uma prática coletiva, e a partir dela perceber os

processos de subjetivação para além da tradicional busca por resultados e alta performance.

A origem dessa pergunta se deu justamente em um encontro entre os autores do trabalho. Ambos são ex-atletas de alto rendimento de uma mesma equipe, o Clube Atlético Ubirajá (BIRA) do município de Lajeado/RS. Hoje pesquisadores com a paixão em comum pelo basquetebol e pela psicologia, perceberam nos seus trajetos pontos de singularidade partilhados e que, para ambos, foram as “raízes produtivas da subjetividade em sua pluralidade” (GUATTARI; ROLNIK, 2000). O percurso para este trabalho, portanto, foi sendo traçado a partir de conversas sobre pontos em comum - e sobre experiências - e a sua realização surgiu como potencial através dessa afinidade teórico-filosófica. Sabendo, portanto, que existem princípios teóricos em comum, os autores deste trabalho buscaram um primeiro passo dessa experimentação. Essa etapa, que ainda está em curso, é uma revisão narrativa de literatura. Esse tipo de procedimento prático apoiará esse percurso já que é possível através dessas leituras fazer uma análise ampla sem estabelecer necessariamente uma metodologia austera com aplicação ou reprodução de dados, como apontam VOSGERAU; ROMANOWSKI (2014). Como não pretende-se responder perguntas específicas e sim acompanhar possíveis trajetórias, essa revisão está servindo como um bom motor inicial.

A partir daí, para fins metodológicos, os autores deverão lançar-se em um segundo passo: buscarão, como experiência, uma cartografia das linhas de vida de quem vive o esporte não mais como trabalho, mas como paixão. A cartografia, formulada por DELEUZE; GUATTARI (1995a), diz respeito à produção e acompanhamento de processos, mais do que coleta de dados e representações pré-existentes. Trata-se da abstração de uma suposta neutralidade para a transformação e o aprendizado do pesquisador no acompanhar das diversas práticas da pesquisa. Tais práticas dizem respeito mais a movimentos do que posições fixas e o papel dos cartógrafos neste trabalho será o de estar atento e pôr-se em campo juntamente com pessoas que viveram o basquetebol como rotina e hoje o fazem por paixão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabe-se que, tal como em outras instâncias, o esporte é também capturado por uma lógica de mercado e muitas das pesquisas acontecem em torno da busca por melhores desempenhos. Esse é um processo reconhecido há muito a partir do que pode ser entendido como um processo de serialização da subjetividade que descaracteriza muitas vezes um processo de subjetivação e promove essa “posição de dependência em relação ao poder global” (GUATTARI; ROLNIK, 2000). Sem o intuito de adentrar a discussão sobre alto rendimento x práticas livres, pretende-se olhar de maneira outra para o contexto esportivo.

Sabendo que a cartografia surge como possibilidade para pensar também os territórios que são antes existenciais do que geográficos, esta pesquisa não deve ser confundida apenas com resgate e análise de experiências vividas, com a historiografia de um passado “morto”, mas sim de arquivo “vivo” e em constante produção. “Diferente do método da ciência moderna, a cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado” (BARROS; KASTRUP; 2009). Para isso, é necessário que os poros estejam abertos e vibrando para lançar-se a um território existencial ainda não conhecido, com algumas pistas que nortearão a pesquisa.

É importante ampliar a visão ainda, perceber que isso não significa uma falta de controle sobre o percurso. “A ausência do controle purificador da ciência experimental não significa uma atitude de relaxamento, de ‘deixar rolar’” (BARROS; KASTRUP; 2009). A proposta dos autores deste trabalho é lançar-se a partir da sua própria experiência e mergulhar nas potências do presente para, mais adiante, entender a presença do esporte na vida de pessoas que encontraram no basquetebol uma das suas possíveis “revoluções moleculares” (GUATTARI; ROLNIK, 2000) frente ao sistema de representação da vida cotidiana.

4. CONCLUSÕES

Assim como em uma partida de basquetebol, os territórios existem, mas o que mais interessa é maneira como os corpos se movimentam entre eles, as forças que emergem e as brechas que produzem fissuras nos grandes discursos. Enquanto alguns estão com o corpo fixo na preocupação em recriar padrões e aplicar estratégias para converter os pontos, outros dançam em quadra e fora dela, como se o esporte fosse a música de fundo que os mantém em movimento.

É a partir dessa diferenciação que pretendemos trazer uma proposta cartográfica que visa um novo olhar sobre o basquete, a psicologia e a importância do esporte na vida de quem o vive. Será que ex-atletas e pessoas em geral procuram reproduzir essa prática do basquete de forma automatizada, como uma espécie de redundância ou quem encontra essa relação com o esporte vê nele justamente essa possibilidade de escape diante de um cotidiano serializado? Será possível perceber no basquete - e na prática esportiva em geral - uma potência de mutação nas linhas duras dos sistemas coletivos?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Liliana da Escóssia. (Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1995.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografia do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes. 2000.

PASSOS, E; EIRADO, A. A Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: Eduardo Passos; Virgínia Kastrup; Liliana da Escóssia. (Org.). **Pistas do método de cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 1a ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PRADO FILHO, K.; TETI, M. M. **A cartografia como método para as ciências humanas e sociais**. Barbaroi, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782013000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 set. 2019.

RUBIO, K. **Da psicologia do esporte que temos à psicologia do esporte que queremos**. Rev. bras. psicol. esporte, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 01-13, dez. 2007. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452007000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 set. 2019.

VOSGERAU, D. S. A. R.; ROMANOWSKI, J. P. **Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas**. Revista de Diálogo Educacional, 165-189, 2014.